



**REVELAR: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DIALÓGICA NA
CONCEPÇÃO E NO INTERCÂMBIO DAS NARRATIVAS VISUAIS DA CIDADE
POR MEIO DE PROJETOS DE EXTENSÃO**

***REVEAL: THE PHOTOGRAPHY AS A DIALOGIC TOOL IN THE CONCEPTION AND
INTERCHANGE OF VISUAL NARRATIVES IN THE CITY THROUGH EXTENSION
PROJECTS***

Daniel P. Andrade¹

Henrique L. Araújo²

Tamires P. Lima³

Resumo: O presente estudo é, e causa uma reflexão em torno das imagens urbanas, como seu instrumento, verdade ou manipulação da realidade. Objetiva-se, através de um estudo de situação com foco nos paralelismos estabelecidos entre a fotografia e a cidade, debater a natureza dessa relação transitória e interlocutora, além da função exercida por esta nos processos de representação, comunicação e entendimento dos fenômenos urbanos. Nesse sentido, faz-se uma reflexão, inicialmente, sobre conceitos ligados aos temas estudados através do debate de ideias e conceitos trazidos por autores da área e, posteriormente, sobre as práticas e trocas envolvidas no método representativo por meio de dois projetos de extensão que discutem essa temática. São apresentadas as linhas gerais dos projetos, bem como parte dos resultados. Por último, a percepção das conexões, através do suporte artístico da fotografia, alavancadas pela evolução tecnológica pulsante, é posta em debate como método nas práticas de estudo das dinâmicas da cidade.

Palavras-chave: Fotografia. Memória. Arquitetura. Urbanismo. Cidade.

Abstract: *The present paper is, and motive, a reflection around urban images, as their instrument, truth, or manipulation of reality. The objective is, through a situation study focusing on the parallels established between photography and the city, to debate the nature of this transient and interlocutor relationship, in addition to the role it plays in the processes of*

¹ Doutor em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA); Coordenador do Projeto de Extensão Alpendre. Doc Retratos Falados, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2427-341X> E-mail: daniel.andrade@ufersa.edu.br/ danielntl@gmail.com

² Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo, da UFERSA; integrante do Projeto de Extensão Alpendre. Doc Retratos Falados, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1528-503X>, E-mail: henriquelaraujo1@gmail.com

³ Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo, pela UFERSA; integrante do Projeto de Extensão Alpendre. Doc Retratos Falados, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9157-9745> E-mail: tamires_p_lima@hotmail.com

representation, communication and understanding of urban phenomena. In this sense, a reflection is made, initially, on concepts related to the studied themes and, later, on the practices and exchanges involved in the representative method through two extension projects that discuss this theme. The general lines of the projects are presented, as well as part of the results. Finally, the perception of connections, through the artistic support of photography, leveraged by pulsating technological evolution, is debated as a method in the practices of studying the dynamics of the city.

Keywords: *Photography. Memory. Architecture. Urban planning. City.*

Introdução

A peça fotográfica nasce, desde meados do século XIX, tendo como atores importantes em seu elenco a cidade e suas variantes que desempenham um papel cenográfico significativo: a construção imagética do espaço de desenvolvimento das práticas que refletem os usuários destes espaços, suas culturas e aspectos ligados ao grau de desenvolvimento tecnológico e científico. O ato fotográfico transforma as possibilidades de destacar um fragmento visual do contínuo fluxo temporal e, assim, aniquilar o próprio tempo contido na estilha, tornando-a um importante veículo de informação que, segundo Borges, é caracterizado como impulsionador da metamorfose urbana ao afirmar que, “à medida que sua iconografia ia se alastrando, a cidade, lócus por excelência do exercício e das práticas civilizadoras, iam construindo suas versões higienizadas, oficiais e modernas do espaço público” (BORGES, 2009, p. 60), deixando clara a relação entre a fotografia e as (trans)formações da cidade.

Desde o princípio inventivo desse novo poder de registro, houve discussões sobre o caráter artístico, ao qual era advinda da pintura, e documental com a pauta da parcialidade da cena composta pelo tema através do fotógrafo, pois este tem a possibilidade de composição definida por ele mesmo e, portanto, tem a capacidade de escolher quais elementos entram ou não no documento através do enquadramento, ponto de vista, foco, entre outros tantos elementos cabíveis de interpretação. Entretanto, a capacidade de semelhança das imagens fotográficas permite aos pesquisadores uma nova forma de se buscar e compreender a realidade da história em seus aspectos aparentes e fotografados. Partindo disso, a professora Aline Lopes de Lacerda, em sua tese intitulada “A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais”, insere esse eixo temático transmitindo a ideia de que “o valor documentário da imagem fotográfica foi socialmente construído, uma vez que o resultado da

imagem não era reconhecido como representação, mas como canal transparente do próprio objeto representado” (LACERDA, 2012, p. 290), mantendo o diálogo do comportamento fotográfico em debate.

O fato é que com o desenvolvimento rápido de uma indústria gráfica houve um consequente aumento de consumo e comercialização das fotos, passando a ter um volume maior nas trocas de realidades culturais e sociais, através da consolidação de trocas imagéticas em uma proporção agora industrial, e que logo passaria a assumir uma escala digital. Essas transições trazem consigo implicações na percepção do espaço habitado por agora contar com um universo comparativo mais amplo e extenso, como as palavras de Patrícia Rodolpho esclarecem:

No grande número de estudos que abordam as conexões entre os fenômenos fotográficos e urbanos, a fotografia aparece como um aparato tecnológico que alterou os princípios da vida física e mental do homem moderno, influenciando em sua condição identitária. A fotografia ocupa um lugar privilegiado dentre as inovações tecnológicas, como centro de um processo detonador de novas experiências e reflexões relativas ao domínio da percepção visual, reconfigurando, dialeticamente, os níveis de consciência que a sociedade exerce acerca do mundo no qual vive e das representações que dele faz. (RODOLPHO, 2004, p. 21)

A resultante derivada da equação definida pelos fenômenos urbanos no tempo é justamente determinada como objeto motor do desenvolvimento desse estudo. Assim sendo, o trabalho em tela percorrerá a vereda do método conceitual-analítico, visto que aqui utilizaremos conceitos e ideias de outros autores, semelhantes com os nossos objetivos, para a construção de uma análise científica sobre as trocas sociais inerentes às mudanças causadas pela introdução da fotografia como ferramenta de câmbio de conhecimentos. Também será apresentado na prática como alguns projetos de extensão aplicam esses conceitos. Para tanto, serão cá estudadas fontes secundárias como artigos científicos, livros e afins. O método de pesquisa escolhido se caracteriza por análises qualitativas e dialéticas com capacidade de abranger o comportamento dos limiares dessa ferramenta na prática. Busca-se, através das estratégias citadas, evidenciar a relação que essa máquina de registro nutre com os sentidos e percepções da imagem da cidade, trazendo ressignificações e possibilidades de representações iconográficas inolvidáveis. O que se compreende ao final da pesquisa é uma nova visão sobre os usos e as práticas fotográficas no entendimento dos fenômenos urbanos, por meio de uma reflexão instigada pelas inúmeras possibilidades de interação entre diferentes tempos, espaços e pessoas.

Imagem, ação e imaginação

Inicialmente, deve-se esclarecer o caráter do conceito de imagem, aqui entendido como a representação visual de uma ideia, ou seja, a exposição de uma noção fundada a partir de uma reprodução geral e abstrata de uma realidade. Diversos pensadores travaram embates intelectuais na tentativa de defender modos diferentes de como uma imagem surge na mentalidade, como Platão que ao afirmar sua teoria do mundo das imagens, defendendo que a origem da ideia se dá no *locus* cognitivo e que é a partir dela que se externaliza o objeto real, distingue-se da teoria do realismo de Aristóteles que, ao contrário, sugere a imagem como um produto definido por uma convergência dos sentidos, sendo assim uma representação mental de um objeto real.

Todavia, o fato é que a imagem é levada como fundamental para o desenvolvimento da humanidade, ao tomarmos a natureza do ser humano como uma natureza social e coletiva, que necessita da troca de informações, saberes e ideias. O arquiteto, urbanista e professor Juhani Pallasma afirma que “a habilidade de imaginar e de sonhar acordado deve ser considerada a mais humana e essencial de nossas capacidades” (PALLASMA, 2017, p. 81), na intenção de destacar a faculdade de imaginação como basilar para a existência mental em si e a maneira de reagir, processar e interagir a estímulos e informações.

A partir dessa necessidade imbricada ao ser humano, dá-se início ao processo de formação de grupos que convivem a partir da separação de funções, vendo assim as vantagens inerentes aos contingentes, pois um conjunto familiar isolado por si só não tem acesso ao teatro, às galerias, ao museu, aos equipamentos coletivos em geral, enquanto que em um grupo maior (urbe) todas essas possibilidades passam a ser reais. Diante disso, entende-se as afirmações de alguns pensadores urbanos, como é o caso do arquiteto e urbanista Gordon Cullen ao dizer “[a cidade] é um tremendo empreendimento humano” (CULLEN, 1983, p. 10), ou o filósofo e antropólogo Claude Lévi-Strauss ao expressar sobre o mesmo tema “é a coisa humana por excelência” (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 102), mas principalmente Raquel Rolnik ao asseverar tal relação enunciando que a cidade é, sobretudo, “fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza” (ROLNIK, 1994, p. 8).

Considera-se, portanto, a cidade como sendo o sítio propício para o intercâmbio de imagens e a interlocução de narrativas. Tamanha troca torna tal espaço um corolário gerador de movimentos imagéticos, caracterizando-a assim como regenerante de energia por definição

física (grandeza necessária para o inter-relacionamento entre dois ou mais entes) e, por fim, como ambiente de ação. Assim, a associação entre a ação e a imagem pode ser considerada como elemento fundador da cidade em si, desenvolvendo uma vinculação peculiar com o tempo e, portanto, a história, que ressalta a necessidade de análise do contexto participante de determinada imagem urbana para uma compreensão mais universal.

Existe, ainda, elementos intangíveis da imaginação que não dão azo à memória. Pallasma indica isso de maneira incisiva ao fato de que “a cidade contém mais do que pode ser descrito. Um labirinto de claridade e opacidade, ela exaure a capacidade humana de descrição e imaginação” (PALLASMA, 2017, p. 47), assim abordando uma diferença essencial entre a cidade visitada e a cidade imaginada e, dessa forma, uma diferença entre uma imagem real e uma imagem mental, sendo esta uma diferença da condição de existência da mesma, fato que provoca a possibilidade dialética humana.

Imagens reais e mentais

O conceito de imagem da cidade pode ser apreciado em duas vertentes distintas entre si que se configuram, fundamentalmente, a partir de como se dá a materialização visual no lócus cognitivo, resultado dos processos perceptivos, sendo estes uma versão objetiva e uma subjetiva da ideia. Enquanto a imagem, aqui chamada de real, se define por objeto que a fotografia e os demais métodos de representação aspiram por figurar, capturar e domar: aquilo que, segundo Boris Kossoy se trata da “essência do visível fotográfico” (KOSSOY, 2001, p. 40), um cenário geográfico e geométrico, natural e infinito. A imagem mental surge como consequência desta, pois para um usuário que se relaciona com o espaço, a construção parte da percepção das formas arquitetônicas, no liame do corpo com a cidade, nas ilustrações, gravuras e fotografias do ambiente, elementos que edificam um sistema de pensamento e orientação na cidade, mas que também tem força de impacto nas intervenções humanas no espaço físico e, assim sendo, as duas possibilidades imagéticas se retroalimentam gerando movimentos imaginativos.

Para entender de maneira prática essa interação, podemos analisar, por exemplo, a estrutura das reformas urbanas na Roma barroca, executada pelo arquiteto Domenico Fontana e guiada pela vontade clerical do Papa Sisto V de recriar uma nova imagem urbana acessível e bela (VIEGAS, 2013), partindo de uma necessidade político-religiosa: voltar a conferir importância às grandes basílicas romanas, em um contexto de contrarreforma. Para isso, a atitude

foi de enlaçá-las entre si por meio de amplas avenidas retificadas que facilitem as visuais dos peregrinos, assim, a solução teve como base a mudança física do espaço para resultar numa mudança da imagem mental que se tinha até então.

O processo perceptivo torna-se uma ponte engajada nas engrenagens desse câmbio de valores entre as realidades aqui destacadas, por sua capacidade de integração dos estímulos e das informações externas ao ser humano com o seu entendimento e sua capacidade lógica. Esse procedimento, limitado à subjetividade, de uma imagem não se dá através do canal único da experimentação figurativa, mas por uma simbiose dos processos cognitivos de percepção que constroem a ligação entre o ser e as imagens, assim como o fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty aponta ao dizer: “Minha percepção, portanto, não é uma soma de dados visuais, táteis e auditivos: eu percebo de modo global, com todo o meu ser; apreendo uma estrutura única da coisa, uma maneira de existir, que fala ao mesmo tempo para todos os meus sentidos” (MERLEAU-PONTY, 2009 *apud* PALLASMA, 2017, p. 50).

Apesar disso, não se excluem dos sentidos as suas importâncias fundadoras, a intenção é de exaltar a íntima ligação da experiência urbana vivida com a dupla categoria de imagens discutidas. A questão aqui levantada pode ser melhor esclarecida pela célebre frase do escritor italiano Ítalo Calvino em seu livro *Cidades Invisíveis*, onde destaca “Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (CALVINO, 1990, p. 8), focando-se assim nas significações e desdobramentos cognitivos que acontecem no processo de sedimentação daquilo que é posto como novo ao indivíduo.

Diante disso, estabelece-se a relação das funções das imagens mentais, que se dão pela contínua renovação de uma memória construída a partir de si, com a adição de novas informações e respostas. A importância dessa edificação é atribuída ao armazenamento e interação entre essa memória e seu desenvolvimento das ações antrópicas. Porém, para apreender o método construtivo, é antes necessária a pontuação no que se refere à memória, pois uma vez que a informação se dá como processada ela parte para o espaço de armazenamento acessível apenas pelo toque da anamnese. Assim, a exposição: “o novo dado ganhava um sentido daquele emblema e ao mesmo tempo acrescentava um novo sentido ao emblema” (CALVINO, 1990, p. 12), compreende uma comunicação contínua entre a percepção, a memória e a imaginação.

Essa noção se apresenta como fundamental para acompanhar o impacto das fotografias nas narrativas visuais da cidade, pois é a partir da interação desses conceitos que se dá o campo de trabalho do retrato visual.

A [re]apresentação fotográfica

Pallasma pontua que “todas as cidades que visitamos se tornam parte da nossa identidade” (PALLASMA, 2017, p. 49), com isso o autor provoca uma reflexão sobre as imagens fixadas. São essas as que caracterizam um sistema coordenado de ações interiorizadas, que torna possível o processo de evocação, porém o destaque aqui ainda ocorre através da percepção física do presente por uma narrativa da cidade visitada.

Na situação oposta, Calvino explora um diferente método de percepção: “Na mente do Khan, o império correspondia a um deserto de dados lábeis e intercambiáveis, como grãos de areia que formavam, para cada cidade e província, as figuras evocadas pelos logogrifos do veneziano” (CALVINO, 1990, p. 12), na qual a narrativa é fundada pela figura visível que se fixa por um processo distinto na sua fonte, tendo uma diferença epistemológica no seu uso. De qualquer modo, o que se vale ressaltar dessas conexões é o fato de que, independentemente de seu método, uma imagem pode se demonstrar fixa ao passo que se mantém estática e, ainda assim, preserva sua função na construção da memória.

A máquina fotográfica surge nesse contexto como aparato tecnológico que abarca essa questão ao se prostrar como ferramenta de captura de um momento único através de uma efígie, um fragmento visual que possui um significado que não faz mais parte da metamorfose do tempo, e que justamente pela ausência do fluxo temporal, ou a fixação deste, torna-se caracterizado pela eternidade. O aprisionamento do presente é percebido através da revolução que esse processo ocasionou nas dinâmicas de interlocução do objeto, já que ao interagir com um presente detalhado do que já se passou temos como resultado um processo de reconhecimento e, portanto, de uma retomada do presente, em suas limitações epistemológicas, através do que aqui se entende como uma representação visual, a qual a fotografia esbanja com maestria.

Lacerda chama atenção para além dessa questão simbólica, a capacidade desse meio de documentar:

[...] para que a imagem possa ter a capacidade de documentar o que foi impresso do mundo externo, ela precisa também 'significar', ou seja, possuir as necessárias conexões identificadoras com os elementos desse referente. Portanto, afirmar que uma imagem é um documento significa dizer que ela representa ou tem a capacidade de representar um fato, um assunto, um tema, uma situação que foi impressa, num processo físico-químico, na materialidade física do objeto fotográfico (negativo, papel fotográfico etc.). (LACERDA, 2012, p. 295)

Por fim, a fotografia surge expressada como um veículo — de alta velocidade — interlocutor de narrativas, essencialmente semelhante aos logótipos do veneziano e que possui impacto direto nos fenômenos e estruturas urbanas e mentais.

A cidade fotografada

A cidade, como sítio focal dos câmbios imagéticos, foi tema de registro privilegiado, de modo a se fazer cenário de épocas distintas, visto que no princípio as fotografias urbanas eram voltadas a visuais arquitetônicos pela necessidade de uma qualidade de estaticidade que se apresentava nos sólidos edifícios e monumentos, além da capacidade de precisão nos detalhes representados para uma futura restauração mais fiel da obra em contraponto com a pintura. Já nos fins do século XIX, esses registros testemunharam elementos morfológicos da urbe advindos da consequência do período da Revolução Industrial, mostrando uma luta por reformas higienistas que exaltavam uma imagem persuasiva de cidade desenvolvida, como é o caso do desenvolvimento das transformações decorrentes do período denominado Belle Époque (1871-1914), mas ao mesmo tempo aspectos insalubres de uma sociedade. Não obstante, no início do século XX, as fotografias passaram por uma evolução tecnológica ao ponto de reduzir consideravelmente o tempo necessário para a captura e o custo de revelação, assim como das próprias máquinas fotográficas, de modo a se buscar acompanhar os avanços da época em que o ritmo acelerado era o foco das lentes, seja elas por transeuntes ou automóveis, a cidade estava mantendo um ritmo crescente. Os avanços tecnológicos e a conformação do espaço urbano passaram a se configurar e se moldar por meio de uma construção visual, como define Carvalho e Wolff ao pontuar que:

[...] a fotografia foi utilizada para documentar os monumentos urbanos com o propósito de registrar fielmente seus mais recônditos detalhes, visando à posterior restauração deles. Ainda na perspectiva de registro objetivo da realidade, a fotografia foi utilizada para a elaboração de imagens arquitetônicas, condicionando a determinados padrões as vistas urbanas produzidas. (CARVALHO, WOLFF, 1991, p. 164)

Diante disso, a cidade como tema do fazer fotográfico absorveu não somente as transformações da sua morfologia, mas as visuais e os imaginários das sociedades diversas que tivessem algum contato com esse veículo. É por meio do registro fotográfico que a possibilidade de manutenção de uma memória social se fez real, pois ele trabalha fundamentado em uma construção social (LACERDA, 2012), essa realização enfatiza o poder de impacto desse elemento por intervir tanto no individual como no coletivo.

O fato desse rápido crescimento no volume de trocas imagéticas por consequência da fotografia levou a uma veloz fluência da técnica para uma dominação nos produtos, já que se considerava esta como uma prova de realidade segundo Dubois, “a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 1994, p. 25), com essa possibilidade de ferramenta construtora de uma imagem (ir)real, houve grandes incentivos aos registros de selecionadas áreas urbanas ou monumentos, como nos cartões postais, que seriam a fonte de realidade daquele espaço e, portanto, daquele grupo social. Esse aspecto é confirmado pela escritora e ativista Susan Sontag ao relatar que:

Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem. Quaisquer que sejam as limitações (por amadorismo) ou as pretensões (por talento artístico) do fotógrafo individual, uma foto – qualquer foto – parece ter uma relação mais inocente, e, portanto, mais acurada com a realidade visível do que outros objetos miméticos. (SONTAG, 2004, p. 16)

Porém, Peter Burke alerta que “Imagens são testemunhas mudas” (BURKE, 2004, p.18), e temos, portanto, um sentido que deve ser analisado com cuidado, havendo aspectos dessas imagens que podem se encontrar ocultos. Dessa forma, a fotografia entra como meio de registro e de propagação dessas realidades, com o adendo de se entender que apesar de ser uma realidade incontestável, trata-se apenas de uma parte da realidade que exige dos receptores conhecimentos externos à imagem fotográfica para uma absorção consciente dessas informações.

O fato é que a fotografia possui capacidade construtiva de narrativas que impõem grande força argumentativa nas percepções individuais e coletivas sobre a cidade e que, justamente por isso, impacta nas imagens (reais e mentais) edificadas. A presença da sua qualidade documental surge de maneira radical nas dinâmicas de relacionamento entre os dados e quem os recebe, abrangendo uma possibilidade de dominação do tempo de modo comparativo.

36

Esse conjunto caracteriza e permite estudos para os mais diversos universos de pesquisas, trazendo a narrativa da cidade para novos contextos de análises, percepções e identidades a partir dos métodos aplicados em sua interpretação.

Reflexões sobre abordagens metodológicas por meio de projetos de extensão

A força motriz desse estudo se dá pela caracterização e análise das aproximações técnicas no que diz respeito ao conteúdo imagético das fotografias e o impacto por elas causada. Partindo da premissa, quando se refere a fotografia e estudo da imagem como meio de documentação, existe uma série de fontes e elementos que a compõem e dão significado, como cita Kossoy, quando as divide em quatro grandes categorias, sendo elas “[...] escritas, iconográficas, orais e objetos” (KOSSOY, 2001, p.71). Dessas tradições, a que motiva a pesquisa se encontra na iconografia, que por sua vez se caracteriza pelo apelo na fonte visual, tendo como oportunidade de estudo o seu nível técnico e descritivo, elementos que dão azo a uma interpretação mais certa de seu tema.

Estabelece-se uma necessidade de entendimento contextual do momento da fragmentação da realidade visual para que se possa compreender esta. Para essa realização, cabe o estudo da materialidade fotográfica, notando seu grau de tecnologia, contexto histórico, autor, entre outros fatores destacados por Bauer, ao comenta que a fotografia tem por objetivo:

[...] registrar com exatidão a existência, o conteúdo e os caracteres da fonte, tal como de momento se apresentam ao pesquisador, com a indicação da época e do lugar achado, a investigação da origem da fonte quanto ao tempo e ao lugar de que procede e a história das vicissitudes pela qual passou. (BAUER, 1970 *apud* KOSSOY, 2001, p. 80)

Em outras palavras, Rivero nos reafirma que “enquanto metodologia de pesquisa, o registro fotográfico procura enfatizar um tipo de informação; nesse sentido, é importante saber qual vai ser o eixo ou problemática a ser abordada” (RIVERO, 2017, p. 86). O que se percebe das pontuações é que a fotografia se põe, através de enquadramentos, como selecionadora de focos com capacidade de representar realidades distintas, porém fiéis à realidade representada.

Com isso, deu-se os motivos necessários para uma difusão investigativa através dessa ferramenta, culminando numa ampliação significativa nos limites da fotografia nas pesquisas e

nas práticas que realçam habilidades sociais e colaborativas que permitem um alargamento dos aspectos a serem analisados para uma atividade de intervenção ou de diagnóstico urbano.

Atualmente algumas entidades comunitárias e institucionais já estão executando tal método de análise científica, visando retratar histórias de pessoas e suas particularidades, como o projeto de extensão da UFRN: “Narrativas, Memórias e Itinerários”, que através de uma série de recortes fotográficos e entrevistas que narram a vida cotidiana de comunidades residentes do estado do RN, ressaltando seus valores culturais e preservando assim a identidade local, com o objetivo de resgate por meio desses registros fotográficos e audiovisuais a história dos espaços pelo ponto de vista dessa população.

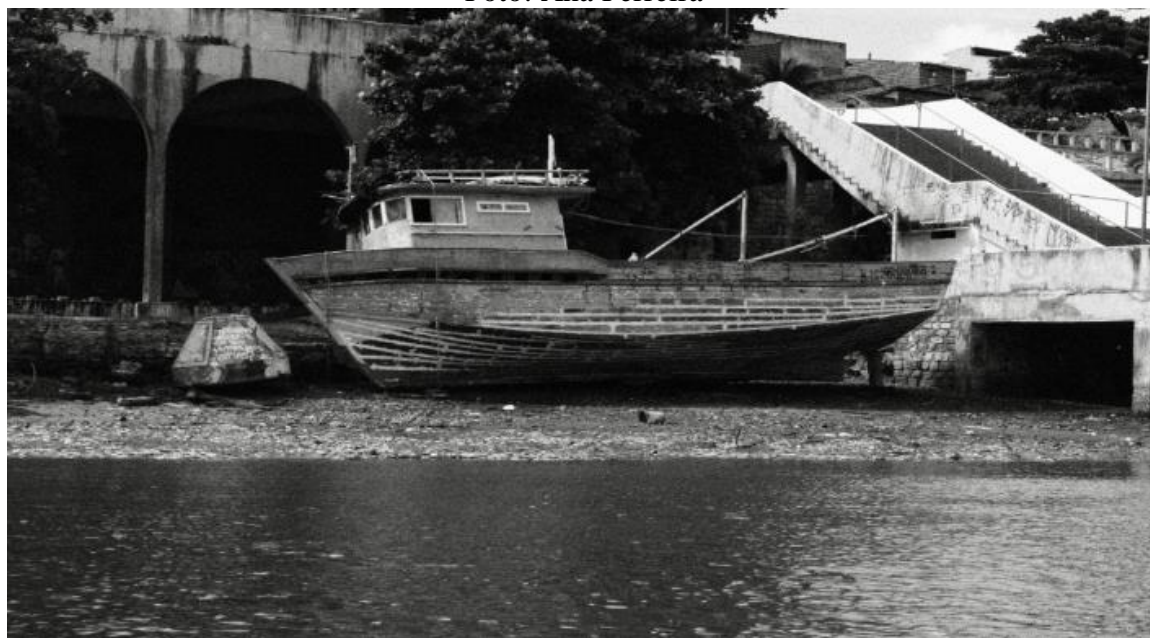
O projeto existe desde 2008 e é uma parceria com o Programa de Extensão Universitária (Proext), do Ministério da Educação (Figuras 1 e 2). A interação entre os pesquisadores das áreas de Antropologia e a Comunicação com um grupo de produtores, pesquisadores e pensadores do documentário e da narrativa efetiva as ideias tornando o projeto ainda mais enriquecedor. Os lugares contém histórias, quem esteve ou está neles faz parte de um todo, no sentido de quem narra suas vivências a partir de determinado lugar, e é isso que o projeto permite aos seus participantes: reviver e permitir que seja (re)contada, por meio de distintos veículos de ações de extensão interdisciplinares, as suas vidas. Com o intuito de promover o projeto e tornar público para a população, em meados de 2014 foi realizada a “Exposição RBA 2014”, trazendo uma diversidade de momentos e vivências que enaltecem a importância dos moradores de diversos pontos da região nordestina. Para encerrar o ano a equipe produziu um documentário intitulado “No Mato das Mangabeiras”.

Figura 1 – No Mato das Mangabeiras. Natal/RN, [20--]. Foto: Ana Ferreira



Fonte: CORADINI *et al.*, 2014.

Figura 2 – Heróis do Remo -“O mar pra nós é café pequeno”, Natal/RN, [20--].
Foto: Ana Ferreira



Fonte: CORADINI *et al.*, 2014.

Ainda utilizando essa ferramenta de pesquisa acadêmica a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), com o projeto de extensão “Alpendre.Doc – Retratos Falados” desenvolvido por alunos e professores do curso de Arquitetura e Urbanismo do *Campus* Pau dos Ferros, têm por objetivo contar e resgatar a memória e história da cidade de Pau dos Ferros-RN, através da construção de uma identidade imagética por meio dos relatos de moradores mais antigos da cidade (Figura 3).

Figura 3 – Equipe de produção do projeto Retratos Falados em processo de entrevista, Pau dos Ferros-RN



Fonte: Autores, 2020.

O projeto busca através da documentação textual e audiovisual resgatar as origens históricas do povo da cidade, notoriamente ligados ao comércio, e sua morfologia urbana, criando assim uma imagem da antiga cidade através das narrativas documentadas na pesquisa. Diante disso, será feita uma pesquisa com a população do comércio popular da cidade em busca de histórias e "estórias" que apresentem, não somente partes de elementos da cidade, mas auxiliares na construção da identidade do seu povo (Figura 4). Com início em 2019, a equipe já realizou algumas ações e planeja realizar exposições fotográficas com os resultados, além de

produzir artigos para periódicos e congressos. Desde março de 2020 o projeto se encontra paralisado devido a pandemia da Covid-19, uma vez que o isolamento social foi instituído, como também boa parte do público-alvo do projeto é composto por pessoas que se enquadram no grupo de risco da referida doença.

Figura 4 – Equipe de produção do projeto Retratos Falados em processo de entrevista, Pau dos Ferros/RN



Fonte: Autores, 2020.

Com essa contribuição tecnológica no entendimento das dinâmicas populacionais com seus espaços de uso, as possibilidades de ações e estudos urbanos se tornam mais precisas e conectadas.

Resultados e discussões

Ao longo deste artigo foi possível observar que a imagem da cidade é um tema propício à fotografia por se caracterizar como elemento de conotação coletiva e de atuação dos fenômenos humanos que renovam as estruturas urbanas para atender a uma imagem imposta. As abordagens relativas a essa relação entre fotografia, imagem e cidade ainda se dão de

maneira distintas entre si, sem a presença unificadora de uma metodologia que ilumine as pontes construídas entre esses conceitos e os impactos que cada um tem sobre os demais em suas maneiras de se perceber e documentar a cidade.

Por isso se dá o motivo e objetivo da reflexão deste trabalho, na qual caminhou por pontos de conteúdo de cada matéria, em uma tentativa de tecer um fio de coesão entre as partes estudadas, que levantaram os seguintes pensamentos:

- a imagem como uma ferramenta de troca de informações inata ao ser humano;
- a cidade sendo o espaço, por excelência, onde os contatos e as interlocuções acontecem;
- a relação estabelecida entre as limiaridades da imagem e suas percepções e a produção estrutural urbana, como dois lados de uma mesma moeda;
- o impacto que a fotografia possui na formação da cidade, pela viabilidade por ela empreendida no aumento das trocas, assim como o maior detalhismo e subjetividade compositiva da peça;
- por fim, a reflexão se foca nessa tecnologia como ferramenta de pesquisa e desenvolvimento de práticas que se consagram como auxiliadoras nas percepções humanas, exaltando suas qualidades ao ponto onde conseguem ir para a construção e o intercâmbio de narrativas das cidades.

Portanto, através de um estudo estreitado dos métodos de análise do objeto por este veículo, abrem-se novas possibilidades de interação que podem ser exploradas para conhecer e reconhecer o protagonismo dos autores das narrativas da cidade através de suas próprias expressões, obtendo, assim, um modo poético e pontual de entender as imagens urbanas, suas causas e consequências.

Agradecimentos

Esse artigo é parte dos resultados do Projeto de Extensão Alpendre.Doc – Retratos Falados que tem seu desenvolvimento apoiado e com financiamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFERSA.

Referências

- AZEVEDO, Maria Helena; MOURA FILHA, Maria Berthilde. A fotografia como documento da história das cidades. *In: I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES. Anais...* Campina Grande: Programa de Pós-graduação em História da UFCG, 2009.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BURKE, Peter. **O testemunho das imagens**. São Paulo: História e Imagens, 2004.
- CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANABARRO, Ivo Santos. Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas. **Visualidades**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 98-125, jan./jun. 2015.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de; WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Arquitetura e fotografia no século XIX. *In: FABRIS. Fotografia: usos e funções no séc. XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.
- CORADINI, Lisabete *et al.* **Projeto narrativas, memórias e itinerários**. 2014. Disponível em: <https://narrativasmemoriaitinerarios.wordpress.com/projetos/fotografias/>. Acesso em: 18 fev. 2020.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- DUBOIS, Philippe. **Ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.
- FARIA, Eduardo Prado de. Linhas da cidade: um olhar sobre a paisagem urbana através da imagem digital. **Horizonte Científico**, v. 4, n. 1, p. 1-10, ago. 2010.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciência e Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p.283-302, jan./mar. 2012.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A terra e os homens. *In: LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1993. p. 97-138.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.
- MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história & cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.
- PALLASMA, Juhani. **Habitar**. Barcelona: GG, 2017.

RIVERO, Elena Lucía. Fotografia e Cidade: a fotografia como forma de documentação e pesquisa das formas de apropriação dos espaços públicos e do patrimônio na cidade contemporânea. **Olhares Plurais**, v. 1, n. 16, p. 82-94, 2017.

RODOLPHO, Patrícia *et al.* **A fotografia urbana contemporânea: uma herança das imagens da cidade (1960-1990)**. 2012. Tese (Doutorado) – Curso de Artes Visuais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RODRIGUES, Lívia. **Projeto de Extensão da UFRN completa 10 anos narrando História de Comunidades do estado**. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/materias-especiais/24271/projeto-de-extensao-da-ufrn-completa-10-anos-narrando-historia-de-comunidades-do-estado>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Fernando Artur de. **A construção cultural da fotografia como discurso na arte contemporânea**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VIEGAS, Diogo Miguel Estrela Santos Baptista. **O impacto das ideias de Sisto V na cidade: Roma**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arquitectura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2014.

Recebido em: 7 de outubro de 2020.

Aceito em: 24 de junho de 2020.